**Alquimia**

No século XVI, era difícil delimitar o âmbito das ciências naturais e o da**prática alquímica** ou o da reflexão mágico-astrológica. Durante o Renascimento, reapareceram ideias neoplatônicas fundidas com a cabala, a tradição hermética, a magia e a astrologia.

**Alquimia e química**

A alquimia, a magia e a astrologia foram algumas das principais bases daquilo que mais tarde seria conhecido como ciência moderna. A alquimia parece remontar aos trabalhadores egípcios do metal, unida às teorias sobre a matéria dos gnósticos e neoplatônicos alexandrinos, que eram aristotélicos, além da concepção da primeira matéria que aparece no Timeu de Platão.

No século II, os primeiros alquimistas combinaram práticas de laboratório, utilizando diversos aparelhos, com explicações simbólicas do mundo e a crença na ação a distância, a influência dos astros no mundo terrestre e os poderes dos números. Essas ideias consolidaram-se no século III e mantiveram-se até o Século XVII.

Não existia uma estrita distinção entre a ciência da natureza e as ciências ocultas (magia). Em Teoria da arte mágica, Al-Kindi reconhece que os fenômenos físicos podem ser produzidos tanto por causas físicas como por causas ocultas. O desejo de adquirir esse poder mágico fez com que muitos europeus viajassem até centros de ensino muçulmanos em Toledo ou Sicília,

Símbolo da alquimia

A magia e a alquimia já eram mencionadas em obras latinas anteriores ao século XII, porém somente obtiveram um notável avanço após aquela época. Os pesquisadores queriam encontrar a **pedra filosofal**, o**elixir da vida** e as **propriedades supostamente mágicas de animais e plantas**. Mais tarde, a busca da**fórmula da juventude eterna** ou da **transformação dos metais em ouro** criou lendas como a do doutor Fausto, o que lhes deu muita fama. Isso fez com que práticas normalmente realizadas por pessoas instruídas atraíssem todo tipo de gente durante os séculos XIV e XV.

Existia uma magia de origem dita “pecaminosa”, “obra do demônio”, e outra considerada “boa”, que podia ser produzida por certas virtudes ocultas dos seres naturais. É das que vem a denominação magia natural. Essa distinção foi mantida por filósofos escolásticos como Guilherme de Auvergne e Alberto Magno.

Foger Bacon desenvolveu uma importante concepção do experimento científico e realizou a primeira exposição da finalidade prática da ciência com base no desejo de dominar a natureza e na crença de poderes ocultos em pedras e plantas. Em sua obra Opus tertium, ele afirma que a prática alquímica ajudou mais o desenvolvimento da química do que as especulações dos alquimistas: **“Existe, entretanto, outra alquimia, operativa e prática, que ensina, graças à arte, como fazer os metais nobres e as cores e muitas outras coisas melhores e mais abundantes do que elas se encontram na natureza”.**

As práticas dos alquimistas foram transmitidas de geração em geração, com as traduções latinas de tratados gregos e árabes sobre tintas, pintura, fabricação de cristais, pirotecnia, medicina e metalurgia. Essa prática empírica concentrava-se nas mudanças de cor e aparência, mas ofereceu muitas informações úteis para a nova química que começava no século XVII.

No Renascimento, a alquimia e as ciências naturais, a astrologia e a astronomia interagiam, Mais tarde, o avanço da ciência moderna teve relação direta com o abandono das teorias e práticas alquimistas e mágicas, que então foram consideradas pseudociências.